

PERFORMANCE

Observa-se morrendo. Com desgosto; sim, é com desgosto que se observa morrendo na tevê. Cada vez é pior, constata, amargo. A expressão facial não é de todo ruim – há angústia no olhar, na boca entreaberta –, mas há alguma coisa de falso ali, uma tênue evidência de esperança senão na imoralidade, pelo menos na postergação indefinida do óbito; o que, para um moribundo, é algo totalmente inconveniente. Como eu morria bem antigamente, pensa. Morria tão bem que seus personagens eram inevitavelmente condenados à morte. Às vezes, o roteiro da novela era até alterado para que ele, na cama de um hospital ou jazendo na calçada (doença, num caso, tiro ou acidente, no outro), pudesse morrer, desta forma impressionando e comovendo milhões de telespectadores, que não deixavam de se manifestar em cartas entusiásticas: “Como o senhor morre bem!”, ou “Vendo o senhor agonizar eu posso dizer que senti a morte por perto”.

Mas ele era jovem, então. Jovem e dedicado; entregava-se por inteiro ao trabalho de ator,

faria qualquer coisa para que seu desempenho fosse convincente. Seria capaz de morrer em cena para mostrar como se morre em cena. E o fazia com alegria infinita. Cada morte era motivo de júbilo incomensurável. Na verdade, a única coisa que lhe interessava era aquilo, morrer diante da câmera. Passava os dias antecipando o momento transcendente. É muito difícil viver com você, protestava a mulher; pouco tempo depois do casamento, pediu o divórcio. Ao juiz foi muito franca: não posso, disse, partilhar minha vida com um homem que só pensa em fingir que morre. Afirmação ofensiva, mas ele não protestou; em verdade, estava satisfeito. Daí em diante poderia usar o grande espelho do quarto para preparar cuidadosamente a cena de seu próximo óbito – sem que ninguém o censurasse.

Isso, contudo, já era passado. Agora, olhando a tela, ele se dava conta de toda a sua decadência, e sobretudo da ironia que ela representava: quanto mais me aproximo da morte, concluiu, mais me afasto dela; recém-nascido, eu sabia mais do significado do morrer do que sei agora.

Observa-se morrendo, e é com desgosto que o faz. Um único consolo lhe resta: o tempo na tevê é limitado, mesmo para óbitos. Logo os comerciais virão redimi-lo.

IN: SCILLAR, MARY. "Pai e Filho, Filho e Pai e outras contos maravilhosas". Porto Alegre: L & PM, 2010, p. 38 - 39.